

O Inevitável Aroma da Infância

Antonio Edvandro Pessoa de Oliveira

Infância: as mesmas águas para sempre se banhar

Infância, infância, infância. A invocação é constante e na ponta dos dedos do escritor. A infância é palco para muitas evoluções do pensamento humano. Sabe-se que o cheiro, o gosto, o mel e o veneno desses anos impregnam a vida de todos. É normal o escritor mergulhar na infância para criar. Sem infância o escritor é um pote vazio (que comparação!). Na teoria de alguns, quanto mais desgraçada a infância do escritor mais fértil ele será. Conforme declaração da própria, não foi o caso de Eneida.

Nos livros de crônica *Aruanda/Banho de Cheiro*, de Eneida de Moraes, a lembrança da infância e a revisita ao passado são uma festa. Neles, a vida possui cores sadias, pelo menos quando Eneida alimenta sua sede itinerante através da janela da recordações.

"Necessidade de acordar um trecho do meu passado" - (Promessa em azul e branco)

Um mito ficou vagando nos textos de Eneida. A da infância visitada é transportada para o centro do presente.

"O que relembro hoje é realmente minha infância ou colabora com minha imaginação atual?" - idem

No território espaço-memorial Eneida bebe o reencontro com os conflitos e os prazeres de outrora, os quais não estão consumidos pelas cinzas, mas pelo branco ou azul-claro. Nesse espaço tudo é deleite, não há rancor. Nem mesmo a promessa da avó, de fazê-la usar somente vestido azul e branco até os 15 anos, a traumatiza:

"Se alguém pensar que vim pela vida envelhecendo contra vestidos claros, brancos ou azuis, se engana. Sempre amei essas cores, que encontrei depois em alguns gestos e muitas noites" - Ibidem

O dia olha para trás e retoma ao berço da manhã para amamentar no seio da infância e para esguichar na via láctea da vida odores de rio, riso, floresta e juventude: uma das faces do espelho de Eneida.

Voltar no tempo através da memória é uma forma de manter a esperança de menina e melhorar a si e o mundo. A experiência é um caminho para superar (ou perdoar) pecados plantados nas terras longínquas da vida, quer dizer, se houver desejo para tal. Os efetivos quadros instalados na mente são um elixir para o tempo presente:

"Por que a qualquer momento uma história qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos, e até mesmo olhos narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim?" - (Promessa em azul e branco)

Ao desenrolar o novelo da vida, Eneida encontra gestos da infância. Para lá se dirige, vai a pé (a distância não importa), o aluno navega contente em busca do útero materno:

"Quando alguém teve uma infância feliz, não importa envelhecer. A criança continua viva, acordando sempre que dela necessita o adulto". Insônia

O traço da crônica de Eneida põe o leitor espiando para a criança feliz que ela não se cansa de repetir que foi. E lá, nesse quintal alegre, - todos os cantos cheiram à lembrança - há uma forte presença:

"Mãe, conta uma história" - (Amiga, companheira e Insônia)

A presença da heróica mãe faria o bom Freud segurar sorridente o cachimbo e afirmar: "Não disse?" Há passagens nas crônicas de Eneida cuja eleita - a mãe- prova que o cordão umbilical continua atado ao coração da cria.

Quando a madura Eneida cede lugar à menina, para debruçar-se no colo da mãe recordação, o intercâmbio não deixa de gerar uma crônica fértil, por

onde a menina desliza e quase esquece de voltar para o tempo presente. Ela põe a si no próprio colo.

Nada que Eneida despeje sobre o papel torna-se quieto ou tedioso. Seu olhar introspectivo penetra na essência das histórias contadas, no sentimento que em tudo há como a história dos excluídos do mundo da razão, expostos na crônica *Tanta Gente*; O retorno à infância repõe no presente o sentimento infantil do mundo. Diferente do poeta Drummond, que faz o mesmo percurso, instala a infância no presente com um sentimento de desilusão, pintando um quadro nostálgico, Eneida traz a infância e a deixa pintada na parede do presente. Admira-a, deglute-a, sempre sorrindo (Eta, sangue negro).

Entre a infância encontrada e a cidade perdida

O retorno à infância não gera somente a revitalização do estado de espírito e o equilíbrio do trio id/ego/superego; traz no contexto a preocupação social com seu povo, sua cidade.

"Para a minha cidade, na sua pessoa física, que- para mim - é minha mãe".

Para a minha cidade, suas ruas e praças, suas manhãs claras e noites perfumadas de jasmim bogari; para os igarapés, para os canteiros dos jardins públicos hoje abandonados, outrora morada de rosas-meninas.... sua gente de Pedreira, do Umarizal, Jurunas, para a gente da S. Jerônimo, Nazaré e Independência".

"Para minha cidade tão pobrezinha agora, mas tão cheirosa sempre a pau-de-Angola e patchuli".

Dedicatória de Banho de Cheiro

Sobram questionamentos sobre a postura de governantes, sobre a condição da cidade como ambiente resultante da prática de decisões que atingem a coletividade e o futuro. E também o passado. Os responsáveis por cuidar do jardim do seu passado - a cidade, suas ruas, suas praças, sua gente - não foram eficientes na missão. Indagação, quase revolta, marca a Eneida preocupada com o destino de seus antigos e eternos amores.

"Quinze anos passei sem ver Belém, a não ser em minhas constantes imaginárias viagens.

Quando realizei o desejado encontro em 1945, encontrei-a morta, terrivelmente morta.

A miséria comendo de rijo aquelas carnes morenas.

"Foi difícil encontrar naquela cidade minha cidade" - (Pará, capital Belém...)

O mundo real fere a infância de Eneida. Portavoz de uma evocação lúdica, ufanista, saudosista, ela resiste à transformação que descaracteriza o patrimônio histórico, o que é jogar por terra a memória local, ou parte do seu mundo infantil.

"Uma vez chegando a Belém, encontrei pintadas de branco todas as estátuas, elas que são de bronze.

- Por que estão assim as estátuas?

- Porque estavam muito sujas, respondeu-me o Prefeito de então. E anunciou com certa vaidade:

- Brevemente derrubaremos todas essas casas para construir uma praça moderna.

A praça que ele tanto parecia odiar é... um dos mais belos recantos de Belém, a praça do Mercado - Idem

Há um ato de solidariedade nas crônicas de Eneida; um estímulo à boa convivência entre humanos. Sua devoção a essa prática de saúde social, onde parece dizer que a origem social/econômica é diferente, mas o fim é único, é resultado de sua postura de vida sem fronteiras.

A Arunda de Eneida - a Pasárgada de Bandeira - resistiu nas viagens imaginárias da cronista. Foi seu alento, palco de felicidade. Trazendo à tona a infância, fonte do seu engodo de comparações, soluções e felicidade, trazia o próprio presente, o próprio sentimento, a auto-reflexão. A restauração do passado cultural, a demonstração do comportamento e tradição locais, a declaração de amor ao seu lugar, estão envolvidos com a apresentação da infância, esse eterno baú de verdades e mistérios. As crônicas também desmontam o conceito de progresso absoluto, que fragmenta o passado e o reduz a pó. Quanto a isso, ela deve ter sofrido muito! A prática de Eneida foi a de manter o quarto de sua infância arrumado e perfumado, sempre de portas abertas, num cantinho de sua memória.

* Antonio Edvandro Pessoa de Oliveira é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira formado pelo Curso de Letras da UNAMA